

## O ensino de filosofia e a prática “pictuliterária” percebendo o que pode um texto e a arte (deleuze & guattari& kafka)

Paulo Roberto Schneider<sup>10</sup>

### Resumo

O presente artigo, pretende apresentar uma proposição sintética sobre os aspectos de um possível agenciamento filosófico-literário para o ensino de filosofia, por meio de expressões da arte. Para tanto, serão mostrados os resultados da prática de oficinas de “*pictuleituras*” (pinturas, literatura/leituras e pinturas) e de debates (leituras e conceitos) por meio de café filosófico a partir do contato dos estudantes da Educação Básica do Instituto Federal do Paraná, Campus de Umuarama-PR e do Colégio SESI de Francisco Beltrão-PR com a obra *A Metamorfose* (1997), de Franz Kafka (1883-1924). A partir da leitura da obra kafkaniana pretende-se elucidar também aspectos conceituais da filosofia de Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992) o que permitiu, mais facilmente, pensar uma possibilidade didática no ensino de Filosofia por meio de expressões da arte (cinema, literatura, artes visuais, música e teatro).

*Palavras-chave:* Agenciamento, Ensino de Filosofia, Literatura.

### Introdução

Para além do agenciamento entre Filosofia e Arte, busca-se criar um pensamento ambulante que se faz na escrita e na leitura por afecções, onde vida e livro são conexões, a produção de uma máquina de guerra para resistir aos processos de subjetivação no mundo capitalista.

Franz Kafka, com sua obra *A metamorfose* (1997), permite melhor articular ao ensino de Filosofia um elemento essencial: A vida. Alguns de seus problemas fundamentais como a ética, a moral, os costumes, a política, a religião, a família, a justiça/ falta de justiça e o trabalho são assuntos que perpassam a obra e permitem um aporte temático para o trabalho do professor de Filosofia e que, na opinião de Deleuze e Guattari, não tem como meta única e exclusiva o ensino, mas o processo do devir do conhecimento, da arte e de novos conceitos.

### Desenvolvimento

#### 1.1 O conceito entre a Filosofia e a Literatura

Em Deleuze e Guattari, a filosofia opera por conceitos ou por personagem conceituais

<sup>10</sup>Mestrando em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: pauloschneiders@gmail.com

e, com eles, criam novos modos de pensar, há um devir na escrita filosófica para que possa funcionar como máquina de guerra. “O *devir* implica multiplicidade, celeridade, ubiqüidade, metamorfose e traição, potência de afecto” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.24).

A literatura é passagem, fluxo, produção e autoprodução, composição e *devir*. Em *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari propõem pensar o que é próprio da filosofia, ou seja, a criação de conceitos. O conceito expressa nos modos de vida relação intensiva e criativa e é, nesse aspecto, que funciona a interseção de filosofia, de literatura e ainda todas as relações de desterritorialização e metamorfose do pensamento que a arte em geral pode conferir.

O agenciamento entre filosofia e literatura possibilita um modo de pensar com o fora, a experiência de uma máquina de guerra. Deleuze põe Kafka ao lado de Nietzsche para pensar os procedimentos de descodificação. Cada um compõe à sua maneira, alcançam uma descodificação absoluta, fazem passar na escrita algo não codificável na medida em que embaralham os códigos. Por meio das linhas e dos agenciamentos contra a burocracia das leis inscritas no corpo sendo possível pensar a macro e a micropolítica e as relações dos indivíduos a ética.

Portanto, a filosofia da “não-filosofia” é em boa medida um exercício de agrimensor, cartógrafo, mesmo que seja regiões ainda por vir (DELEUZE, 1995) por um jogo de imagens, mutações diferentes do decalque, mas predominante no mapa. Eis modelos de escrita nômade e rizomática. A escrita esposa uma máquina de guerra e linhas de fuga, abandona os estratos, as segmentaridades, o aparelho de Estado (DELEUZE, 1995).

O modelo *intermezzo* (...e...e...e.), ou *inter-ser*, como é chamado por Deleuze e Guattari (1995), não é imagem dogmática e segmentada do pensamento, antes, é um modelo vagante de mutações habitáveis, fronteiras e devires (... *Animal... Criança... Mulher... Menor...*); nunca o mesmo, mas sempre um recomeço, abertura e movimento permanente do pensamento. Aqui a arte encaixa-se como uma verdadeira linha de fuga para o pensamento e como para a atividade dinâmica do ensino de Filosofia e suas dificuldades.

Dentre essas dificuldades acreditamos que a de aquisição e utilização da linguagem nas escolas, se mostra como a de maior relevância. Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) acerca do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) ou o resultado expresso pela maioria dos estudantes da Educação Básica via Prova Brasil mostra essa realidade.

Para *Corazza et al* (2010, p. 03) essas dificuldades estão ligadas ao uso e produção de linguagem, seja “enquanto relacionados ao conjunto formado por conteúdos escolares e operações mentais, que envolvem leitura, escrita e interpretação”, bem como pelas “variações contínuas de temas e imagens” ou de “singularizações de leitura e raridades de escritura; processos de pensamento, formas de conteúdos e de expressão” ou das “relações espaciais, temporais e históricas; sensibilidade para as artes, como modos de criação; habilidades e competências de formular e desenvolver problemas, em Ciências Humanas, Sociais e Exatas” e assim por diante.

## 1.2 Projeto *Escreleituras*: um modo de “ler-escrever” em meio à vida

Frente essa realidade o chamado Projeto *Escreleituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida*<sup>11</sup> funciona em diferentes núcleos pelo país desenvolvendo pesquisas e práticas por meio de oficinas de *escreleituras* na Educação Básica e Ensino Superior, na tentativa de qualificação da Educação Básica no Brasil.

O Projeto recebe a denominação central de *Escreleituras* (escrita-pela-leitura e leitura-pela-escritura) pelo fato de tratar, sempre, de alguma escritura, ou seja, de uma escrita singular, promovida por um escritor-leitor ou leitor-escritor (BARTHES, 2004a, b). Portanto, trata-se de uma *escreleitura*, que é sempre autoral e que não é possível imitar, pois não pode funcionar como modelo de leitura ou método de escrita. O Projeto opera, assim, com leituras férteis e fertilizadoras; além de escrituras inspiradoras, agitadoras de ideias e impulsionadoras de experimentações.

Na busca de suplantar e diminuir o déficit relacionado ao uso e produção de linguagem, o agenciamento **conceito, literatura e arte visual** poderia se tornar um mecanismo didático facilitador do processo de ensino/aprendizagem para a Filosofia? Na tentativa de responder esse desafio o núcleo da UNIOESTE em Toledo-PR tem realizado oficinas e práticas buscando promover a criatividade na leitura e na escrita dos estudantes de algumas das escolas públicas locais, bem como da região noroeste (Umuarama-PR) e sudoeste do Estado do Paraná (Francisco Beltrão-PR). Visando promover e desenvolver a criatividade e as multiplicidades de *escreleituras*, conseqüentemente a oficina intitulada *A Metamorfose da Escrita: conexões filosófico-literárias*, acabou chamando a atenção para questões de cunho ético-político (o que consideramos como que um dos objetivos de Kafka, por assim dizer), sob a égide da perspectiva da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari.

### Resultados

Para Deleuze, um livro é um agenciamento com o nunca é igual a si mesmo é relação de forças que se entrecruzam para que o pensamento continue seu *devenir*. As atividades da oficina *A Metamorfose da Escrita: conexões filosófico-literárias* – evidenciando a criação de modos de ler e escrever em meio à vida, agenciando Filosofia e Literatura e Artes – geraram uma maior interatividade dos alunos com o conteúdo da disciplina Legislação e Ética no curso Técnico em Design, pelo IFPR de Umuarama-PR e em Filosofia, pelo Colégio SESI de Francisco Beltrão-PR.

Discussões sobre o cotidiano de trabalho e a sociedade capitalista ganharam significações a partir da experimentação da leitura de *A Metamorfose* e como resultado dessa proposta foram produzidos quadros (Fotografias 01, 02 e 03) ilustrando dos personagens

<sup>11</sup>O Projeto está vinculado a CAPES/INEP, pelo Programa Observatório da Educação - Edital 038/2010, cujas atividades aqui explanadas estão submetidas ao núcleo da UNIOESTE, em Toledo/PR, no Programa de Filosofia (Licenciatura e Mestrado), sob coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Ester Maria DreherHeuser.

conceituais da obra sua relação com o *fora*, ou seja, o fora da literatura que se remete à vida desses alunos trabalhadores que se aproximam e se distanciam da obra na medida em que se envolvem com a leitura e a produção.



Fotografias 01, 02 e 03 – Quadros pintados pelos estudantes participantes da Oficina.

### Considerações finais

Mediante o que foi apresentado, a guisa de algumas considerações finais, se pode afirmar que Gilles Deleuze e Felix Guattari buscaram refletir sobre o indivíduo e a sociedade. O agenciamento com a literatura kafkaniana é uma alternativa de fuga para um pensamento intempestivo, num constante devir contraditório de modelos fixos absolutos com sistemas rígidos obsoletos e idealistas sem influxos vitais, de submissão, de mesmismos e antidessejos. Neste sentido, o real efeito da literatura se desloca da recepção individual para um nível coletivo em que os agenciamentos maquínicos são desmontados pela máquina expressiva da escrita: “Kafka se propõe a extrair das representações sociais os agenciamentos de enunciação, e os agenciamentos maquínicos, e a desmontar esses agenciamentos” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 70).

Portanto, em meio à literatura, a filosofia e os agenciamentos filosófico-literários, Deleuze e Guattari apontam um estatuto ético cujas características principais justificam-se num movimento de resistência e reinvenção. É preciso a decodificação das linhas que nos atravessam e nos codificam a fim de sermos capazes de resistir a elas, como é o caso da lei; e na medida em que se resiste aos mais variados modos de produção de subjetividade, de tipos codificados, essa resistência já é uma criação e, neste caso, a ética é também resistência que reinventa novos modos de existência e novas formas de vida e porque não, de reinvenção do próprio modo de ensino/aprendizagem para a Filosofia.

**Submetido em maio de 2013.**

**Aprovado para publicação em março de 2014.**

## REFERENCIAS

BARTHES, R. **O grão da voz: entrevistas, 1961-1980**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O grau zero da escrita seguido de Novos ensaios críticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORAZZA, S. M. **Projeto Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2010 (CAPES/INEP/Observatório da Educação – Edital 038/2010).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4** Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1** Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Kafka: Por uma literatura menor**. Tradução de Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

KAFKA, F. **A Metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.